

GERD KOENEN

A REVOLTA DE 68 E O FLERTE COM O TOTALITARISMO

Reflexões sobre a Década Vermelha na Alemanha

PREFÁCIO

1. O BURACO NEGRO
... na autobiografia privada e na memória pública
2. MAR DA JUVENTUDE
Fantasmagórica internacional da juventude
3. INSANIDADE E ÉPOCA
Rudi Dutschke no *Kairós* da revolução mundial: 1967/68
4. FELIX CULPA
Superação do passado como narcíseo fascínio alemão
5. O FETICHE DA ORGANIZAÇÃO
À procura do sujeito revolucionário
6. IDIOTAS DA FAMÍLIA
Os dias da *Comuna I* - Mitos de uma revolução sexual
7. FEBRE FUNDADORA
Da dissolução da *União Socialista dos Universitários da Alemanha* (SDS) ao movimento de organização
8. TERRENO OCIDENTAL-ORIENTAL
Encontros com o *Socialismo Real*
9. CIDADE DAS MULHERES
Secessões feministas e reviravoltas culturais
10. VELHA ESQUERDA, NOVA ESQUERDA
O mundo do partidão, dos trotskistas, dos grupos comunistas e do *Grupo Marxista*
11. MITOS DA MILITÂNCIA
Da espontaneidade revolucionária à *galera espontaneísta* alternativa
12. NEGRO LEITE DO TERROR
Luta armada como autolibertação alemã
13. ERA DE CHUMBO
A Liga Comunista Alemã Ocidental (KBW) como escola do totalitarismo virtual
14. TANTO A AMAMOS - A REPÚBLICA
Considerações retrospectivas sobre a Década Vermelha

Apresentação

A revolta estudantil de 1968 foi um acontecimento importante em praticamente todos os lugares do mundo. Entre estes merece um especial destaque o que ocorreu na Alemanha e no Brasil. Este destaque não se deve aos acontecimentos em si daquele período (que talvez tenham sido mais fortes na França), mas sim pela presença, no momento atual, de vários participantes daqueles acontecimentos históricos em cargos-chave nos governos dos respectivos países. Na Alemanha, a figura pública mais emblemática daquele período é Joschka Fischer (atual ministro das Relações Exteriores) e, no Brasil, José Genuíno (ex-presidente do Partido dos Trabalhadores). Estas presenças tornaram possível a afirmação, comum na Alemanha, de que a *turma de 68 está no poder*.

Este fato, obviamente, tem uma grande relevância política. E o tem porque o ano de 68 se destacou, principalmente, por ser um ponto alto da história do desejo de liberdade da humanidade. É que esse ano (talvez a década que aí se inicia) colocou na ordem do dia a contestação. Não se tratava, contudo, de uma contestação tradicional. Ao contrário, dizia respeito a um questionamento mais profundo, contra tudo e contra todos, uma revolta de ordem existencial (talvez numa espécie de crise civilizatória). Nesse sentido, o que estava em questão não era mais um momento da luta de classe entre operários e patrões, comandada, por exemplo, pelo Partido Comunista, e sim a emergência de um novo modo de ser.

Isso pode ser observado tanto na maneira de vestir (da minissaia ao jeans) como na renovação da música; nas propostas de alteração da estrutura de ensino (com menos poderes aos professores) como na liberação das mulheres; na mitificação das ações de *Che Guevara* como na difusão do uso de drogas leves; no protesto contra a guerra do Vietnã como nas comemorações da Primavera de Praga (revolta contra o domínio da União Soviética). Tudo era motivo de contestação e de questionamento. Por isso, o ano de 68 constituiu-se num dos marcos mais importantes dos movimentos libertários e do enfrentamento do *status quo*.

Nesse sentido, a motivação dos principais envolvidos era a revolta contra as instituições tradicionais. É que em suas visões estas instituições mantinham uma estrutura de poder autoritária e, em consequência, não permitiam a renovação do estilo de vida e nem possibilitavam a realização de novas experiências existenciais para as novas gerações. Para os jovens, isso se expressava na sensação de desvalorização de suas vidas e na não aceitação do ideal de família pequeno-bruguesa autoritária de seus pais, que se preocupavam mais com os bens materiais do que com as questões existenciais. Por isso, o ano de 1968 é também um momento de ruptura entre duas gerações.

Além disso, é possível perceber também que os principais envolvidos, apesar das duras críticas a vários dogmas do marxismo - o que fez Herbert Marcuse sugerir o nascimento de uma Nova Esquerda -, possuíam uma afiliação política bastante clara: eram praticamente todos ligados a grupos políticos de esquerda. Esse fato foi fundamental para opção pela luta revolucionária (que imaginavam que estava a ocorrer naquele momento) e para uma certa aproximação com o fenômeno totalitário, o que talvez permita entender também por que muitos de seus participantes acabaram

constituindo pequenos grupos extremistas e passaram a defender o terrorismo como uma forma legítima de fazer política.

Neste livro, Gerd Koenen põe em destaque a maioria destas questões e propõe-se, de maneira aberta, a analisar os acontecimentos de 68 e dos anos seguintes, demonstrando a sua importância e as implicações teóricas e práticas das idéias que os sustentavam. Participante ativo dos principais acontecimentos daquele período histórico, o autor não se preocupa em escrever um texto científico, mas sim relembrar imagens, amálgama de textos, cenários, relatos e experiências, sem esquecer de refletir sobre o seu significado político. Este é, portanto, um livro indispensável para a compreensão do que ocorreu em 1968 e nos anos seguintes e, em consequência, para a identificação de suas principais implicações para o mundo atual. Boa leitura a todos os interessados.

Gilmar Antonio Bedin

PREFÁCIO

Fazer-se historiador de sua própria biografia tendo sido protagonista na história é empreendimento duvidoso, senão impossível. O presente livro, portanto, não chega a ser relato científico, mas imagem, amálgama de textos, cenários, relatos e lembranças daquela estranha “década vermelha”.

Que teria sido, essa “década vermelha”? Certamente nada que se encontra em livros didáticos de História. Não obstante, o termo deve fazer sentido a todos que viveram conscientemente aqueles anos. Os tiros de 2 de junho de 1967, em Berlim Ocidental, e do dia 18 de outubro de 1977, na penitenciária de Stammheim, que abrigava os terroristas do Grupo Baader/Meinhof, sem dúvida, marcaram dramático ciclo de ânimos, lemas, movimentos e ações que formaram uma “geração política”, se bem que apenas pequena parcela dos contemporâneos esteve efetivamente envolvida. Dificilmente havia alguém completamente alheio. E foi a cor vermelha que mais uma vez dominou (ainda que de forma enganosa) esta década.

Este livro, que iniciei há cerca de 2 anos, deveria antes focar o núcleo desse(s) movimento(s), aquele segmento altamente político e motivado, muitas vezes hermeticamente encerrado, do qual eu mesmo fiz parte. Nada de alardes sensacionalistas por meio de “revelações” das épocas do extremismo obscuro para o qual seus portadores, hoje proeminentes ou pessoas em cargos de responsabilidade, tivessem ainda que se justificar; antes, uma luz bem contornada em sua objetividade, de brando iluminismo pessoal, que nós (assim eu achava) devemos a nós mesmos e outros – aos filhos, pais e irmãos, amigos e namorados. O que, exatamente, motivara então tantos a se sentirem por algum tempo agentes de quimérica revolução mundial, e com tanta coerência que alguns foram parar longe? Um pouco de auto-reflexão, portanto, essa a intenção, em que nossas parcelas geracionais nos acontecimentos me pareciam de fato o verdadeiro elemento a ser esclarecido.

Pois a partir das objetivas condições da época (políticas, econômicas, sociais) não se explica coerentemente quer o movimento juvenil internacional quer, para a totalidade da República Federal da Alemanha, a íntegra do ciclo da crise da “década vermelha”. Dessa maneira, a íntegra da ênfase incorre especialmente nos enlaces sociopsicológicos de geração guerra e pós-guerra — e aqui, por sua vez, particularmente nos do nosso lado. Não podemos nos esconder sempre na sombra dos supostamente sempre presentes “velhos nazistas”. Devemos também falar sobre nós — nossos inconscientes impulsos e neuroses, nossas próprias fantasias megalomaniacas e ganhos narcisísticos.

Pouco antes de terminar o manuscrito, irrompeu o debate sobre o ministro do exterior, Fischer. Seus motivos foram — tipicamente — não aquelas revelações pouco emocionantes do “homem de capacete preto” — que meramente visualizavam o que já era público. Era, muito mais, certa configuração de fatores: ser justamente uma filha de Ulrike Meinhof que se pôs em postura de guerra — ao mesmo tempo em que esse vice-chanceler da República Federal da Alemanha testemunhava, num tribunal de Frankfurt, sobre Hans Joachim-Klein, ex-terrorista e companheiro na turma, sombra de sua própria história.

Ao menos, o debate evidenciou quão próximos da superfície estão todas essas experiências aparentemente há muito superadas e como impregnaram as convicções e os hábitos dos hoje politicamente ativos. Um revanchismo revelador, de cunho geracional, dos críticos do campo liberal-conservador encontrava-se, assim, com uma frente de cunho geracional similar no campo verde-socialdemocrata, que justamente nesta questão tinha na sua retaguarda impressionante maioria dos cidadãos da RFA. A república alemã defende sua paz interna, finalmente encontrada, justamente numa pessoa como Joschka Fischer — com tudo que isso possa conter de ironia e significado mais profundo.

Para poder medir e apreciar esse desenvolvimento talvez nem tão surpreendente, porém um bocado paradoxo, é preciso uma imagem mais definida, rica, daqueles tempos e de seus atores. Sem ela, restaria uma mancha apagada na história mental e biografia intelectual da sociedade alemã pós-guerra, cujos caminhos da autocivilização foram um tanto tortuosos e complicados.

Frankfurt / Main, março de 2001

Gerd Koenen

Capítulo 1

O Buraco Negro

... na autobiografia privada e na memória pública

*Bem, no que se refere aos anos 70,
posso ser sucinto...
sem resistência, em termos gerais,
eles mesmos se engoliram ...
Que alguém se lembre deles com misericórdia,
seria demasiada exigência.*

H. M. Enzensberger

Na aurora do primeiro dia estamos na sacada sobre a avenida, onde o trânsito volta a rolar, e Adão me mostra uma foto de sua namorada Eva, no mesmo estado paradisíaco que nós dois. Horas antes, quando iniciara a bebedeira, ela se fora, com olhar encantador. Parece surrealista: sobre a casa a nossa frente, um observatório astronômico. Ou o observatório parece casa. Tanto faz. A vodca, tomada em rodas implacáveis, com pão, pepino, toucinho e chá frio, por toda uma noite, inseriu-nos numa tenda clara, iluminou nossas conversas e deu asas a nossas canções. Derrubaram-nos os primeiros raios. Dormir, só dormir. Até o auge do dia. Varsóvia, no curto verão da "Solidariedade", em 1981. Fim de uma viagem revolucionária a serviço. *La guerre est finie.*

Quando mesmo iniciara essa viagem? Difícil de dizer. Efetivamente, talvez só no verão de 1977, quando tramitava um pedido de proscrição contra nossa organização e eu fora enviado a Viena com elevada quantia financeira no corpo, para lá me hospedar na eventual ilegalidade. A desfiliação, há muito cogitada, agora significaria desertar e, portanto, estava fora de cogitação. Ou teria começado tudo no ano anterior quando, diante das esperadas crises mundiais e guerras, todas as forças e recursos foram mobilizados para levantar potente central partidária e moderno aparelho técnico, em que (apesar dos notórios desvios de direita) fui designado redator do órgão central semanal? Ou, antes, em 1975, quando desisti de todas as ambições acadêmicas e, como *narodnik*ⁱ moderno, ingressei na indústria a fim de colaborar na organização do proletariado? Ou fora o ano de 1974 a verdadeira interseção, quando, aferrados, competimos com as tropas de choque de Dany e Joschka nos confrontos de rua por casas desocupadas, em Frankfurt, e quando, no desfile dos quartéis gerais ideológicos da cidade, nos apresentávamos sempre com o maior e mais unido pendão e eu, de megafone e com um monte de sonhos megalomaniacos, sempre à frente? Ou teria tido essa viagem seu início no verão de 1973, quando participava da fundação da organização de quadros neoleninistas, da *Liga Comunista da Alemanha Ocidental* (Kommunistischer Bund Westdeutschland - KBW) e, de imediato, tive de prestar uma autocrítica (por democratismo pequeno-burguês), em função de nossa contribuição para o debate programático — e, nada obstante, não me intimara, muito pelo contrário? Ou teria de datar o verdadeiro início em 1970-71, quando nos constituímos Grupo Comunista Frankfurt/Offenbach, entre centenas de círculos semelhantes, e começamos a "fazer trabalho revolucionário nas indústrias"? Ou teria sido já em 1969, quando a gente começara a se reunir de noite, em diminutas rodas, tocando as campainhas em sinais conspirativos, para discutir asperspectivas de trabalho revolucionário fora das universidades, começando a instruir-se em

ⁱ Quadro não trabalhador que ingressa na fábrica a fim de lá organizar simpatizantes revolucionários.

textos de Marx, Engels e Lenin, a redigir trabalhos infinitos e a faccionar e recrutar solicitamente entre os Grupos de Base e Células Vermelhas? Ou teria sido já a transferência para Frankfurt, segunda capital do movimento no semestre de inverno de 68-69, o passo com que no fundo teria decidido tornar-me revolucionário profissional? Ou teria a experiência original antes ocorrido em fevereiro de 1968, quando, de Tübingen, fomos ao congresso do Vietnã, em Berlim Ocidental, temerosos de sangrenta perseguição na cidade-fronteira, para experimentar que as ruas e o palco da mídia pertenciam-nos de forma triunfante? Ou fora já aquele infausto 2 de junho de 1967, em que eu como outros milhares de companheiros da mesma idade tivemos a sensação instantânea de que "eles" teriam atirado "na gente", que acontecimentos radicais no país e no mundo estariam prestes a ocorrer, motivo pelo qual eu, ainda membro da União Humanística Estudantil, me filiava à *União Socialista dos Universitários da Alemanha* (Sozialistischer Deutscher Studentenbund - SDS), a fim de participar do jogo a iniciar-se.

Todas essas etapas de minha pequena *Longa Marcha*, até na retrospectiva, têm ainda grande coerência *interna*. E creio que não se integram apenas em minha memória, mas formam de fato o capítulo de *uma* história, aquela da "década vermelha".

Na memória, tenho ainda outra cena-chave: quando Yves Montand, no filme de Alain Resnais, *"La guerre est finie"*, dá o fora na moça que ocasionalmente encontrava numa das confraternizações existencialistas no *Rive Gauche*, em que estudantes do tipo dos revolucionários do Maio de Paris o pressionaram com radicais crenças esquerdistas sem ter a mínima idéia de que por ele, o comunista da subversão espanhola, esperava séria missão. Na neblina noturna da Ilha de Neckar, na cidade de Tübingen, no verão de 1968, pouco antes de minha mudança para Frankfurt, eu era Yves Montand, quando ele voltava a ultrapassar a mística fronteira — para a resistência, a revolução ou a morte.

Quão *kitsch* possa parecer, o era. Estávamos cheios de imagens de filmes, pois sentíamos a própria realidade como mera aparência e jogo falso, e a política, como encenação de mídia e manipulação que se deveria romper com ações provocantes — cujo efeito, por sua vez, se deduzia da mídia. Em 1965, um dos primeiros grupos de revolução cultural, anterior à União Socialista dos Universitários da Alemanha, ao qual também pertencia Rudi Dutschke, o grande líder estudantil, chamava-se, com ironia apenas aparente: "Grupo Viva Maria" (alusivo ao filme de Louis Malle, com participação de Brigitte Bardot e Jeanne Moreau). Muitos dos que posteriormente cairiam no terrorismo narraram que inicialmente tudo lhes teria aparentado "um filme", um romance policial, um policial político ou um faroeste italiano, dependendo do temperamento.

Meu filme (aquele com Yves Montand), ao menos, parecia feito de matéria real. Só que — tipicamente — perdi a graça da história: pois Semprun (que havia escrito o roteiro segundo experiências vividas) nele descreve o conflito interno de um comunista que sabe ou presente estar sendo sacrificado à toa por seu partido. A "guerra" (a Guerra Civil Espanhola) há tempo passara; com o turismo e a abertura econômica, o país perpassou mudanças bem mais radicais do que qualquer resistência ou revolução causaria. Apenas os líderes do partido, no exílio, não se aperceberam disso, ou não o quiseram perceber.

O ingresso imaginário na "história real", que com tanto fervor procurávamos, foi a fuga da insuportável leveza de nosso próprio mundo — do qual desconfiávamos — de volta aos tempos das guerras mundiais e civis, que nos parecia muito mais "real" e presente. E afora, à arena mundial, na qual há muito acontecia uma revolução radical — a pergunta era apenas: revolução com ou sem a gente.

Da emergência desse mundo mitológico à parte tratava, na primavera de 1982, minha declaração de afastamento, no órgão central, cujo redator era eu. Nela, reaparecia a sacada de Varsóvia, em parábola escarnecedora, como resquício de lembrança. Eu comparava-nos ao herói Prometeu, quando ele, "após anos de longa firmeza revolucionária, forjado à penha, enquanto o urubu do oportunismo lhe comia o fígado — bem: quando então o herói Prometeu abre os olhos e não existem correntes nem urubus senão bela vista, tempo bom, automóveis buzinando — até aí, tudo bem; e aí lhe assola o *horror vacui*; de tanto barulho e vida, volta a se amparar na rocha, a imaginária, cerra os olhos, o urubu comendo-lhe o fígado, e tudo volta a ter sua ordem".

Fora um clamar irônico às companheiras e aos companheiros para — finalmente — emergir do mundo hermético de um ativismo revolucionário profissional, já degenerado a puro mimetismo, e simplesmente dissolver essa organização que já se preocupava só com seu umbigo político-ideológico. E para designar a distância quase que incompreensível que de repente se abria, veio-me outra metáfora: "Não sei como é que sentem os demais — eu, ao menos, sinto-me distante alguns anos-luz — umas duas a três vias lácteas — desse buraco negro..."

Uma vez mais eram seis horas da manhã, raiava; tirei o texto da máquina, depusitei-o no cesto para a impressão e saí da redação, de onde já havia pedido demissão, e me integrei ao trânsito matutino.

Ainda não desapareceu a persistente sensação de perda do senso de realidade — depois que todos, cedo ou tarde, dela se despediram para libertar-se de seus respectivos mirantes colocando seus pés no chão. O "buraco negro" ostenta na autobiografia e mesmo na memória geral. De qualquer forma, a lembrança desta longa "década vermelha", que em termos de época coincidia em boa parte com a era do governo social-liberal, mas de forma alguma foi absorvida por ela, até instantes anteriores, antes integrava a apócrifia de uma história da Alemanha.

Do ponto de vista do resultado histórico talvez pudesse (e possa) até parecer justo. Seja lá o quanto tenham remexido a República os atentados da "Facção do Exército Vermelho" — Rote Armee Fraktion, RAF, ou das Células Revolucionárias; a onda dos impedimentos do exercício profissional ou das decisões sobre incompatibilidade de simultânea associação em grupos de extrema esquerda e organizações sindicais, etc.; as inúmeras e militantes ações de rua e o fim do espetáculo da batalha no "Tegeler Weg"ⁱ, ruela de Berlim, em 1968, até as lutas contra as usinas nucleares de Brokdorf e Grohnde, em 1976/77: em nenhum momento a desdobrada rede de grupos da "velha" e "nova esquerda" — do partidão até a juventude socialista, perpassando os trotskistas até os maoístas, anarquistas e espontaneístas — apresentava "perigo para a ordem constitucional", formulando no estranho tom deflacionário dos relatórios do serviço de inteligência daqueles anos.

Bem diferente, entretanto, o panorama se descrevermos o sectarismo revolucionário e o espírito da época que o suportava, como integrante de uma história social e de história do espírito da República. Assim, o extremismo organizado, da esquerda dos anos 70, contrariando a percepção muito generalizada, tivera proporções bem mais importantes que o "movimento de '68", de cuja desintegração, aparentemente, nascera. De fato, a União Socialista dos Universitários da Alemanha, SDS, restringira-se às cidades maiores, com sedes universitárias, e

ⁱ Na Páscoa de 1968, por vários dias seguidos, ocorreram ataques às gráficas do império de imprensa *Springer*. 50 policiais e 400 manifestantes ficaram feridos, as pedras dos manifestantes causaram a morte de dois civis.

nunca tivera mais do que algumas dezenas, ou, como em Berlim e Frankfurt, algumas centenas de membros plenamente ativos. É fato que milhares participavam de *teach-ins* e manifestações. E houve rebeldes jovens em quase todas as localidades e muitos setores sociais. Em 1967/68, todavia eram individualistas ou panelinhas, que se reconheciam numa série de códigos.

O cerne do potencial da revolta juvenil de 1968 pode-se estimar em, no máximo, 20 mil ativistas, entre 4 a 5 mil só em Berlim Ocidental. A SDS teve em seu auge 2.500 membros (à medida que, de fato, houve registros de associados). Nas grandes manifestações do Vietnã, em Berlim Ocidental, em fevereiro de 1968, uns 15 mil estavam nas ruas. Na manifestação central contra o Estado de Emergência, em maio de 1968, a "*Oposição Extraparlamentar*", a chamada APO, mobilizou 60 mil sindicalistas, aprendizes, alunos, universitários, socialdemocratas de esquerda, cristãos, pacifistas, neutralistas e comunistas.

Só com a dissolução da APO e *União Socialista dos Universitários da Alemanha*, em 1969/1970, a revolta antiautoritária juvenil transformou-se em legítimo movimento de massas, de cunho geracional. Só o número de membros organizados nos diversos grupos e partidos comunistas e da esquerda revolucionária, durante todos os anos de 70, alcançara entre 80 mil e 100 mil. E esse sectarismo efervescente fora apenas o visível topo de um fenômeno político-cultural espraiado, que de forma alguma se limitava às margens, mas atingia profundamente o centro do Estado e sociedade.

Participação em grupos de base, grupos de indústrias ou em Células Vermelhas, num centro de aprendizes ou num comitê antiimperialista, num Amparo Vermelho ou Negro; membro de uma das várias organizações e partidos de quadros ou numa de suas "organizações de massa"; atividades num dos grupos "antidogmáticos" ou "militantes" de feitio socialista, anarquista, espontaneísta ou feminista, que emergiam praticamente em todas as grandes e pequenas localidades; participação em inúmeros cursos ou discussões que tratavam da "superação do sistema" ou da "revolução socialista" e leitura habitual de respectivos livros e revistas (com tiragem de invejar, de alguns milhares); participações mais ou menos regulares em manifestações, reuniões ou ações ilegais de ocupação, que em sua "massificação" sempre superavam as dos anos 60 e, quase que em ritual, terminavam em confronto com a polícia; checagem pelo serviço de inteligência, pelas autoridades escolares, lideranças sindicais ou pelo serviço de segurança industrial, e disciplinamentos, demissões e impedimento da exercício profissional, de cunho político — tudo isso integrou, como elemento característico, as milhares de biografias. Nesse sentido, trata-se de experiência de toda uma geração, no pleno sentido da palavra.

A partir da perspectiva da geração intermediária seguinte, a de "78", mais uma vez Reinhard Mohr evocou as formas típicas de socialização daqueles anos. Palavras encantadas, tais como "violência estrutural", serviam de molde para a crítica social em cujo centro, conforme Peter Brückner, "encontrava-se a deformação representativa de quase todas as relações humanas". Somente pela "violência contrária" poderiam as "relações de domínio" ser levadas à percepção sensual. Com cada deslocamento do campo de batalha — do "trabalho na indústria", perpassando as "lutas contra os preços do transporte público" e as "casas desocupadas", até as campanhas contra o "parágrafo 218" (do aborto), e o "movimento contra as usinas nucleares" — e com cada inclusão, nessas batalhas, de novas levadas de coortes mais jovens, aparecia sempre de novo o clamor por uma "estratégia de longo prazo" e "organização revolucionária". Pois o objetivo permanecia sendo sempre e sem falta "a revolução" que, evidentemente, podia ser imaginada apenas como internacional, logo, como *revolução mundial*. Nada de falsa modéstia.

Também boa parte dos programas editoriais, das redações de revistas, rádio e televisão, do cenário do teatro, literário e artístico estava atordoada pela sensação dessa era e exercitava o

jargão da propriedade pseudo-revolucionáriaⁱ. Da perspectiva de hoje, escreve Mohr, afigura-se quase "incompreensível como setores tão amplos dentre os intelectuais da Alemanha e da Europa Ocidental puderam encontrar seu conforto nesta visão histórica".

Esta formulação distanciada evidencia o quanto os ativistas de então já estranham ao relembrem as próprias motivações e questionarem pela origem dessa fúria abstrata por teoria e organização, extrapolando em muito quaisquer experiências e interesses vivos. Essa militância de plantão e sensibilidade pelas fraseologias do internacionalismo revolucionário. E como a gente mesmo já não encontrava esclarecimentos satisfatórios, suprimia ou mistificava essa história. Tornara-se essencialmente assunto para conversa de barzinho ou anedotas caseiras "da época da luta".

Há transbordante bibliografia sobre a "revolta de 68" e outra sobre o terrorismo da *Fração do Exército Vermelho* (RAF) que há muito veio a ser objeto de estufada "cultura da lembrança" própria, de periódicos eventos jornalísticos ou de vastas pesquisas acadêmicas. Sobre o fenômeno bem mais vasto, do radicalismo específico dos anos 70, entretanto, existe escassa bibliografia reflexiva, muito menos auto-reflexiva.

Aqueles que pudessem nos prestar depoimentos, em geral, os negam. "Os protagonistas do movimento de então, igualmente o autor das seguintes observações, nunca pensaram em registrar a história do grande experimento", disse, a exemplo, Christian Semler, o então presidente do *KPD* maoísta, Partido Comunista da Alemanha, numa de suas esporádicas retrospectivas. Primeiramente, seria a fama dos grupos comunistas muito ruim, posto que prevalece a leitura de que teriam sido os assassinos da nova florescência emancipadora da revolta antiautoritária de 68. Depois, porque, diante das montanhas de impressos de então, logo perder-se-ia a coragem. E, por fim, "os quadros de então já mal entendem suas motivações e ações de então. A visão é simplesmente demasiado profunda". Em síntese: para os ex-quadros, seriam demais vergonhosas; para os sociólogos, careceriam de dinâmica; para os historiadores, seriam ninharias; já para os psicólogos, seriam muito evidentes.

Verdade é que essa história se resolveu por si mesma — certamente, com tal profundidade quanto a da RDA, a *República Democrática da Alemanha*, e do restante do "socialismo real". A estes, contudo, aplicou-se estalões histórico-morais um tanto distintos. Ainda no ano de 1999 não era possível tornar-se assessora de imprensa do SPD (*Partido Socialdemocrata da Alemanha*) tendo redigido, como estudante da FDJ (*Juventude Livre Alemã*, a juventude do PC da RDA), alguns relatórios obrigatórios, sem substância, para a inteligência *STASI*, da RDA. Sem problemas, contudo, era possível tornar-se vice-presidente do parlamento, vice-chanceler, ministro ou secretário de Estado, tendo passado considerável parte de sua juventude ativista numa das muitas organizações revolucionárias daquela época. Lá: o postulado categórico da "digestão do passado" e da investigação detalhada das respectivas biografias; cá: a inclusão alusiva na carreira individual, simples exagero juvenil.

Apenas nos anos 90 — era final do chanceler Kohl, portanto —, os rebeldes de 68 "teriam encontrado seu papel no romance de família da RFA" (segundo bonita formulação de Heinz Bude). Até que, no de outono de 1998, valia: "A turma de 68 está no poder". Efetivamente,

ⁱ "Pseudorevolutionäre Eigentlichkeit" - termo irônico, do autor, que cita o "Jargon der Eigentlichkeit", de Theodor Adorno, contra Heidegger e a ontologia alemã.

Joschka Fischer chegou a superar a taxa de popularidade dos políticos conservadores Rita Süßmuth e Kurt Biedenkopf, por exemplo. E o título de seu best-seller "Mein langer Lauf zu mir selbst"ⁱ poderia, entretentes, firmar até como título principal da história da RFA, enquanto que seu tênis de ministro, na "Casa da História", faz parte das insígnias da República — logo mais, quem sabe, também seu capacete negro, da era da luta.

Essa mudança foi introduzida com o primeiro pronunciamento programático do Presidente da República, *von Weizsäcker*, quando do primeiro aniversário da reunificação alemã, dia 3 de outubro de 1990, ao elevar a "revolta juvenil do final dos anos 60" oficial e implicitamente a uma contribuição meritosa à história de sucesso da República Federal, já que contribuiu, "a despeito de todos os fermentos, para um aprofundamento do engajamento democrático na sociedade". Quase se podia falar de uma segunda reunificação, intra-social (ocidental). Findara o desafio à República, com sua Ordem Fundamental Liberal-Democrática (*FdGO*), citada, quando muito, com desprezo por um segmento pós-guerra guinado muito para a esquerda.

Só há poucos anos, a academia assumiu a temática. "1968 — do Acontecimento ao Objeto da Ciência Histórica", trinta anos após, foi o título de uma conferência de trabalho internacional e de coletânea. Soa interessante, e com toda razão. Os arquivos, após expirarem os prazos de sigilo, estão bem abertos — e quanto papel não fora então escrito e imprimido! Minas inteiras de documentos aguardam sua exploração; promissores temas de pesquisa, seu requerimento; paradigmas de longo alcance, seu desdobramento. Aqui, onde textos e fotos já juntaram um bocado de patina, pode-se, uma vez mais, fantasiar em romantismo e utopias, ainda que no parco linguajar científico. Em analogia com o movimento do maio francês, lemos lá, "também na República Federal, teria o movimento de 68 liberado um potencial antiautoritário, anti-hierárquico", confrontando em todos os campos as estruturas estabelecidas "com projetos alternativos de ordem, que aspirariam à emancipação do indivíduo através de autodeterminação e autogestão coletiva" mudando com o "carisma da fantasia" nossas vidas.

Tais ingênuos desenhos da história fazem parte de uma *invenção de tradições*, se não, muito mais, de uma "autoinvenção da nação". Entretentes, isso já condensou até em idéia fixa: só com o ano de 1968 teria a ligação externa da República Federal sido garantida por sua "ocidentalização" e democratização também interna. Desde aquela data, o "ano que tudo mudou", também nestas bandas teriam "auto-iniciativa, cansaço, coragem civil, não-conformismo e responsabilidade coletiva ... adquirido importância imprescindível". Assim, Wolfgang Kraushaar, cronista do movimento de protesto alemão ocidental, que também fala de "um tipo de reconstrução sociocultural" da República Federal pelo movimento de protesto. Na apresentação geral da história da RFA, de Manfred Görtemaker, fala-se efetivamente de verdadeira "refundação da República". E, como diferença essencial entre as sociedades da República Federal e da RDA, vale, conseqüentemente, que lá, não houve enfim qualquer "68" ou, de forma mais apocalíptica: "que a RDA fora uma história alemã sem 1968".

No mais tardar tem-se aqui a impressão de que, no outono das recordações (das próprias quanto das emprestadas), os critérios de avaliação se deslocaram consideravelmente. Teria a RFA, portanto, carecido antes de uma pequena revolta de 68 — e nada mais? E teríamos nós, filhos do milagre desse *annus mirabilis*, sido a verdadeira geração fundadora da República Federal Ocidental?!

Talvez minhas experiências autobiográficas recusem especialmente imagens tão meigas desta categoria. Contudo, tão simpáticos, antiautoritários e empenhados no progresso quanto a

ⁱ Minha longa caminhada a meu encontro.

posteriori nos querem descrever, realmente não fomos — e, mesmo com toda a ingenuidade militante, também no ano de 1968 não nos percebemos assim. Se Wolfgang Kraushaar, ao mesmo tempo, fala de "elementos antidemocráticos" na *União Socialista dos Universitários da Alemanha* e de "flerte com o totalitarismo", declarando estar, no fundo do coração, feliz por não ter sido alcançado nenhum dos objetivos de então, a questão parece mesmo desembocar em aberta aporia.

Não se trata de denegrir as coisas, mas de traçá-las com maior precisão. Dificilmente é negável que já os ideogramas do movimento originário de 1968 — e não apenas as plataformas neocomunistas dos anos 70 — portaram caráter decididamente antiliberal, antidemocrático (de qualquer forma: antiparlamentar) e antiocidental. Qualquer outra coisa, já então, teríamos tomado como ofensa. Porém, como pode um movimento ter levado adiante liberalidade, democratização e ocidentalização se, até o início da década de 80, propagava nitidamente o contrário em seus pendões? Essa é a verdadeira e interessante pergunta, que ao menos não se pode abrandar.

Sendo que a contradição me parece, de fato, solúvel. Só que não amenizando a posteriori, senão solúvel apenas logrando reconstruir, de forma um tanto plausível, a maneira com que um movimento político tão radical e sectário, em muitos casos — como aquele que em junho de 1967 iniciou-se em toda sua amplitude e dez anos depois culminou no "outono alemão", sangrento torcer de braços — pôde, não obstante, tornar-se catalisador de mudança social que mostrou resultados sociais completamente distintos daqueles a que se propunha de forma "politicamente consciente". Mas vale também o inverso: entendendo-se aproximadamente de que então se nutria efetivamente a enorme energia de ação e o impressionante poder de definição da esquerda radical. De qualquer forma, tudo foi um processo altamente complexo, intrinsecamente paradoxo.

A resposta dada por Niklas Luhmann a estas perguntas, em 1988, em sarcástica filípica contra o "njet-set¹ e desesperados do terror", é de acentuada superficialidade. Mas ao menos destaca com ácida agudez a contradição entre aspirações revolucionárias e resultados civis: "acontecimentos acidentais, o tiro no [universitário] Benno Ohnesorg, por exemplo, jogavam os estudantes para fora da sociedade — e desde então era possível passear sobre a grama".

Quando Jürgen Habermas, em manifestação improvisada, no congresso "Estudante e Democracia" em Hannover, em junho de 1967 (após o sepultamento de Benno Ohnesorg), alertava de forma hipotética e com intencional provocação para um "fascismo de esquerda" no movimento estudantil em ascensão, isso não fora nenhum xingamento inespecífico, mas conteve significado bastante preciso. Aludia a uma ideologia e estratégia de "provocações" conscientes, desenvolvidas pouco antes por Rudi Dutschke, cujo objetivo óbvio era, segundo Habermas, fazer da "violência sublime" das instituições dominantes uma "violência manifesta para, desta forma, declarar e denunciá-la". Em Berlim, após a passeata contra o Xá da Pérsia e os tiros de 2 de junho, fora decretada proibição de passeatas, que Dutschke sugeriu quebrar numa mobilização de abrangência nacional. Havia a expectativa generalizada de que isso acabaria em novos confrontos com caráter de guerra civil.

Habermas denunciava essa política como "voluntarista" e "jogo com o terror (de implicações fascistas)". Em carta esclarecedora, a Erich Fried, percebeu afinidade entre o projeto de Dutschke "e certas tendências de esquerda, do fascismo italiano inicial, de Sorel". De

ⁱⁱ "Njet-Set" jogo de palavras usado por Niklas Luhmann: Njet, russo: não; e jet-set, inglês: o turista de elevado poder aquisitivo.

resto, teria a impressão de que o "potencial sociopsicológico a que Dutschke apela é extremamente ambivalente e, quase da mesma forma, poderia ser canalizado tanto para a `direita` quanto para a `esquerda`, porque a satisfação ..." se daria "não pela realização de determinado objetivo político, senão pela ação em si". Não quis atender ao desejo de Fried, de que ele (Habermas) se distancie publicamente dos termos "fascismo de esquerda", já que eles iriam a encontro dos adversários do movimento de protesto. Como os líderes da União Socialista dos Universitários da Alemanha ainda não teriam assumido postura definida nesta questão crucial, preferia deixar "pairando sobre as cabeças a palavra ominosa".

Um ano depois, Habermas finalmente esclareceu, não sem celebração, que entrementes teria "chegado à convicção de que o movimento de protesto, oriundo dos universitários e alunos... seria nova e séria perspectiva para a revolução de estruturas sociais profundamente arraigadas". Justamente pelo status relativamente privilegiado e caráter imaterial de sua crítica a uma "ideologia do desempenho" capitalista já sem sentido, com suas materializações, suas satisfações compensadoras e alienações, esse movimento juvenil, depois de muito tempo, reabriria a vista para uma possível transformação da sociedade industrializada, que "tem por condição um modo socialista de produção, mas... como seu conteúdo... a desburocratização do domínio".

Essa reavaliação não impediu Habermas de reiterar a severa crítica à retórica e política "pseudo-revolucionária" do movimento. Principalmente, em nada recuou em sua polêmica contra os quadros da *União Socialista dos Universitários da Alemanha* e demais "revolucionários profissionais", que teriam vedado "seu círculo interno de comunicação... contra a adição de experiências dissonantes" e cujo ativismo, cuja notória confusão de símbolo e realidade... [preencheria], no campo clínico, o fato da insanidade mental". Com ácida agudez desenvolveu uma tipologia do "agitador", do "mentor" e do "arlequim" do movimento, cujas *deformações profissionais intelectuais*, "ao saírem da sombra da psicologia pessoal e se tornarem poder político, são realmente escandalosas".

O livrinho, da editora Suhrkamp, "Protestbewegung und Hochschulreform"ⁱ, de 1969, em que Habermas compilou suas diversas intervenções, foi ditado pelo desejo urgente do autor de tentar sabotar "as crescentes desafeições da população contra universitários" e aquilo "que, desde sempre, se conjurara: o uso da repressão aberta" (com que obviamente contava), e, ao mesmo tempo, de preservar o movimento "órfão de pais" de "ingressar na previsível derrota pelas balas perdidas, de seu ativismo errátil, cujo "caminho às subculturas, para além da universidade", há muito estaria demarcado em termos políticos e sociais.

Essas e todas as demais sucessivas mudanças das posições, de Habermas, podem, decerto, ser vistas como marca-passo e indicador de uma postura em evolução entre a população alemã ocidental como um todo. Na introdução ao diagnóstico "Notas a respeito da `Situação Intelectual da Época`", de 1979, por ele iniciado, em seu balanço do momento, Habermas lançou claramente em crédito o movimento alternativo, oriundo do movimento de protesto, bem como o movimento ecológico e o feminista. Caracterizou-os formas "neopopulistas", porém legítimas e vivas, da resistência contra ameaçadora "colonização do mundo em que vivemos" — e, com isso, indicadores de profunda revolução silenciosa (segundo Ingelhart) de latente

ⁱ Movimento de Protesto e Reforma Universitária.

* Com esse termo muito abrangente, Habermas pretendeu caracterizar o "empobrecimento de possibilidades de expressão e comunicação" pela transposição de formas da racionalidade econômica e administrativa" para os demais campos de vida dos indivíduos.

câmbio de valores, em que os valores "materialistas" de bem-estar, segurança e estabilidade seriam gradativamente rechaçados pelos valores "pós-materialistas" da auto-realização, solidariedade e participação.

Já a evolução cultural que se materializava na curta fase de reforma social-liberal, de 1969 até 1972, Habermas a via "ameaçada, de forma militante", por uma nova direita. O ataque desta valeria, ao mesmo tempo, àquele "traço do desenvolvimento intelectual sobre o qual se pode dizer que predominou na Alemanha pós-guerra: refiro-me ao explícito remonte ao iluminismo, humanismo, pensamento burguês". Essa "bibliografia tendenciosa" e "*panfletagem* catedrática" representaria, entretantes, efetiva contra-revolução intelectual e seus protagonistas tocariam a sempre reivindicada "disputa intelectual" como "ação paramilitar na frente semântica da guerra civil".

Tudo aqui é surpreendente: a segurança com que Habermas supõe, para a íntegra da Alemanha pós-guerra, a supremacia intelectual da esquerda e, justamente, sua coerência com o pensamento burguês ocidental; a brevidade em que data a verdadeira fase reformista, após a alteração do "poder" em Bonn; e o ímpeto com que pinta um quadro da "grande coalizão de filósofos da ordem" como "nova direita" contra-revolucionária, denominando até nomes (como Lübke, Scheuch, Schelsky, H. Maier, Sontheimer) que, hoje, decerto ninguém assim situaria. Isso passa uma impressão da dureza polêmica e carga afetiva com que naqueles anos 70 se digladiavam controvérsias políticas e ideológicas também nos andares supremos da república do intelecto.

Os intervalos históricos com que então se pensava e julgava, entretanto, só se entende bem quando Jürgen Habermas, mais uma vez, quase uma década depois, já enaltecia o movimento de protesto e a revolta cultural de 1968 a incentivador de um processo de "liberalização fundamental" da República Federal — que neste meio tempo teria alcançado o Partido Democrata Cristão (CDU), conformando-se na pessoa da Sra. Süßmuth.

Tanto mais hilariante o posterior gesto de penitente e confessionário dos numerosos renegados auto-estilizados desse movimento, que se enfeitam em demasia e reclamam uma dignidade que lhes é inconveniente. Que *renegados* poderíamos, afinal, ser? Dificilmente ainda terá de ser comprovado que nossos infinitos projetos revolucionários não passaram de mera reapresentação de tragédia histórica como farsa (incluindo acidentes dolorosos).

Direito à renegação teriam, no máximo, os terroristas, que, com a ubiqüitária retórica da violência daqueles anos, atuaram efetivamente para valer. Mas pessoas que repensaram com mais profundidade os motivos de sua própria atuação em vez de se perder em infinitas autolegitimações, raramente se originaram do ambiente da RAF, do *2 de Julho* ou das *Células Revolucionárias*. A culpa e a responsabilidade, para a maioria dos ex-terroristas alemães, esteve e está com o Estado ou "a sociedade", que os teriam levado ao que fizeram ou ao que foram e fizeram. Difícil imaginar maior autodesautorização moral e intelectual.

Certamente é verdade que o cambalear dos atentados terroristas e as medidas antiterror e, especialmente, a queda-de-braço no "outono alemão" de 1977 continham muitos traços de uma *folie à deux* entre mais velhos e mais jovens, entre os ex-tenentes do exército nazista, como Schmidt e Herold, e os e as comandantes de uma Fação do Exército Vermelho (RAF), como Baader e Ensslin. Isso, porém, somente se compreende verificando-se a própria parcela. A incapacidade para tal continua revelando algo sobre a cegueira do processo em si.

A (suposta) equivalência, representam aqueles que, com grande gesto, se retiraram, apenas para se revelar convertidos — seja para o verdadeiro islã, para o conservadorismo de cara fechada ou o neonazismo, todo produzido. Agora, sob insígnias inversas, dão seqüência àquilo com que romperam de forma tão ostensiva. Assim, passam uma idéia, mesmo que de forma distinta, da *lacuna* que a perda da então fantasias revolucionárias de poder e de onipotência deixaram em sua psique ou biografia.

Horst Mahler deu o exemplo mais proeminente de um renascimento como fanático fundamentalista nacional e anti-semita intelectual. Já anda adornando os jovens neonazistas e incendiários como vanguarda e mártir de um renascimento nazista, da mesma forma como antes adornara os jovens guerreiros de rua, da Oposição Extra-Parlamentar e dos terroristas da RAF, os quais em alguns momentos chegou a integrar. Em geral, do lado da nova direita, já reuniu-se considerável e representativo segmento de ex-ativistas da nova esquerda — nesse sentido, pode dificilmente ser rejeitada a desagradável indagação: não revelariam essas conversões políticas efetivamente algo das obscuras correntes profundas e das profundas ambivalências do radicalismo de geração dos anos 60 e 70? Quase parece que essa nova direita teria sido, desde seu início, o confuso *alter ego* da nova esquerda. Ainda que não se possa seguir, nesta forma e de bons olhos, Bernd Rabehl em sua usurpação, pós-morte, do amigo e rival de Rudi Dutschke como testemunha principal de alegada tendência nacional-revolucionária do movimento antiautoritário de protesto — algo mais que apenas um grão de verdade há de ter.

Em flagrante desconhecimento dos múltiplos e contraditórios enlances do movimento por mudanças sociais inigualavelmente mais amplas — por ninguém "promovidas" —, seus mais ferrenhos críticos e apóstatas coincidem, por sua vez, com aqueles que se entendem como os eternos defensores e fiéis tutores do mistério das "idéias de 1968" e do movimento emancipador, batizado com seu nome.

Assim, os textos escritos "na ira e contra o esquecimento", do então assistente de Habermas e mentor do movimento, Oskar Negt, intentam engarrafar um "68" mistificado, de espírito arquidemocrático e antiautoritário, e separá-lo categoricamente de tudo que daí se originou — os chamados "K-Gruppen" (grupos comunistas), por exemplo. Só falar sobre a história deles parece, a Negt, "absolutamente anacrônico e destituído de qualquer urgência política", uma que seriam grandes co-responsáveis do insucesso daquele ímpeto de emancipação.

Que esse eterno jovem replicador "68" (um Oskar de tambor de lata, por assim dizerⁱ) se assemelhe minuciosamente a seu então mentor, não é por acaso. Pois os verdadeiros "revolucionários profissionais", segundo Negt, confirmaram-se "revolucionários na profissão", com ou sem título de professor universitário. Sua teimosa luta por uma "conceituação a partir da esquerda" contra a "vulgarização da consciência histórica" e seu múltiplo "trabalho subversivo nos complexos bastidores e redes especificamente criadas" originaram livre linhagem de antiautoritários, porta-fachos do espírito crítico. "Sucederão os netos.ⁱⁱ" Tanto menos surpreendeu-se Negt com o fato de que os militantes radicais de esquerda, maoístas e seguidores de grupos comunistas dos anos 70, tornaram-se, em sua maioria, "políticos realistas" verdes, reformistas habermasianos, ou mesmo puros neoliberais.

Esta é apenas a última confirmação de sua tese "de que a perda de confiabilidade da fantasia política e análise social... fora produzida com participação da própria esquerda — em período que, entre aspectos muito distintos, pode com razão ser denominado de época de

ⁱ Alusão ao romance "Die Blechtrommel", de Günther Grass [Nota do tradutor.]

ⁱⁱ "Die Enkel fechten's besser aus", canção revolucionária medieval. [Nota do tradutor.]

chumbo". Com o resultado de que hoje só poucos "dentre os cientistas polêmicos, de cunho direitista" (Negt enumera *Fest, Sontheimer, Nolte*) mostram ainda sincera disposição para "atribuir poder ameaçador, contra o dado sistema dominante, da parte do trabalho subversivo oriundo do escandaloso ano de 68". Eles, ao menos — os adversários de então —, entenderam!

O verdadeiro mitólogo do momento histórico de "68" e condenador de sua traição não é, entretanto, o corajoso formador de conceitos, Negt, mas o gigante psicoapocalíptico *Klaus Theweleit*. Até hoje, dificilmente alguém tenha rondado de forma tão hinológica e cheia de ódio quanto ele aquele acontecimento efêmero. Sobre essa ponta de agulha de experiência própria, ordenou todo seu teatro global, pandemônio de corpos & não-corpos, espíritos & não-espíritos, mortos e não-mortos, criminosos e vítimas, homens e mulheres, cozinheiras e antropófagos.

Por isso mesmo, são os ilimitados solilóquios de Theweleit muito mais autênticos do que a sofrida prosa mentora de Negt no que compete espírito e insanidade daquela época. Chegam mesmo a reproduzi-la, condensar e fixar uma vez mais. Theweleit chegou a problematizar de forma conveniente esse método: "A história não pára de se alterar interminantemente na medida de nosso manuseio...; não pára de *vir a ser* sempre mais real; uma parte da `história' de `68'... apenas agora é *feita*." Tão lúcido tudo isso possa ser como reconhecimento auto-reflexivo, tão híbrido o é como programa para escritos próprios,: de fato, Theweleit tanto *ajeita* sua própria história que vai tornando-a *mais real* do que jamais poderá ter sido.

Objeção não é possível, por tratar-se de história narrada radicalmente na primeira pessoa, em que as dores do jovem Th.¹ formam horizonte. Esses *Weltgeföhle* — sentimentos do mundo — têm intrínseco caráter teuto-existencial, no qual a linhagem étnica retorna como fato. Qualquer projeção infantil ou adolescente torna-se aqui realidade incontestável. Assim, havia já "na sexualidade dos velhos (esse inimaginável obscuro de fascismo, do qual a gente, de alguma maneira, "veio")... algum tipo de assassinato. Portanto "era tabu tudo que abertamente sexual (como se tivessem sabido que nisso consistia uma chave para a compreensão de sua existência assassina)". Quando, por volta de 1960, o adolescente Th. e seus amiguinhos vagabundeavam numa esquina da cidade de Flensburg", escarnecendo-se de "gente que perambulava e era completamente boba", não era brincadeira, senão coisa de vida e morte. Afinal, "sabíamos que todos foram assassinos no nazismo. Agora, camuflavam-se de defuntos... Como dobravam suas esquinas, o espírito todo cheio de apática ou mesmo vazia maldade — ocasionalmente oscilava o sinistro em seus chamados olhos, e a musculatura do traseiro se enrijecia quando em sua mente te matavam."

De alguma forma, Th. sobreviveu sua juventude na Alemanha (com toda seriedade, caracteriza-se de "sobrevivente"). E, subitamente, iniciava-se nova era: "Parecia um formigueiro. O pólo do sexo foi conectado... *Agora* esse país pára de ser país de assassinos, pensava." Oh selvageria, oh fuga dela! O fim do sofrimento do jovem Th. parecia ao alcance: "os olhares, o brilho das faces de maio e junho, que eram uma *promessa*... na maioria, apenas filhos de assassinos, mas como refulgiam". E quando os filhos de assassinos iniciaram a falar línguas teóricas "ateutas" e a cantar e escutar canções "ateutas", consequência imediata foi "a transformação impetuosa da vida em seqüência de momentos intensivos".

Ah, sim! A gente estava "altamente alcoolizado e musicalizado", então, na cidade de *Freiburg im Breisgau*, e "antes da aurora dificilmente alguém ia dormir". A partir do meio-dia,

¹ Alusão à bem-sucedida peça de teatro "Die neuen Leiden des jungen Werther", de Ulrich Plenzdorf, RFA, 1972, que se reporta a "Die Leiden des jungen Werther" ["Os sofrimentos do jovem Werther"], obra romântica em forma de romance-correspondência, de Johann Wolfgang von Goethe, escritor alemão.

valia "distribuir folhetos, organizar balcões de livros, falar na cafeteria, desenvolver ações, ir a aulas e lá discutir, `politizar´ gente, redigir novo folheto, cinema; no meio tempo: discussões no namoro..." Essa, efetivamente, a vida da boemia do ano 68. Muito mais "real" impossível fazer.

Exceto de *uma* maneira: envolvendo-se com a aura do tragicamente incompleto, até: do terrivelmente *traído*. A desintegração iniciou-se, como admite Theweleit, já em meados de 68 — com aquela "multidão de gente semipolitizada, que ... quando de temáticas de esquerda, enchia as ruas e praças", e formava um "exército fantasma de esquerda" já não acessível à *União Socialista dos Universitários da Alemanha*; e com esse pessoal da "APO" — da *Oposição Extra-Parlamentar* — que se espalhava; e teve sua seqüência quando também os grupos da *União Socialista dos Universitários da Alemanha* procuravam sair da universidade, em 1969/70 e, ao pé da APO "inseriam-se gradativamente em campanhas na mídia". E, depois, "aquele fenômeno estranho: por que morre Rudi Dutschke ao decorrer dos anos 70, Hans Jürgen Krahl — isso foi acidente de trânsito — desaparecera; quase de cada grupo da Liga Socialista dos Universitários da Alemanha poder-se-ia denominar alguns ..."

Pois é, por que, mesmo? A gente simplesmente já se via no centro do velho-novo horror, que se iniciava com a inglória dissolução da *União Socialista dos Universitários da Alemanha*, em março de 1970: "Imediatamente houve três, quatro organizações sucessoras... Logo assumiram o trabalho político, que consistia em excluir-se mutuamente ou em aliciar para o suicídio, até que de cada grupelho sobravam um ou dois, a partilhar os bens... — e desertavam para os romanos? Alguns o afirmam."ⁱ

Em suma: a partida libertadora resultou em traição, fraude, tiras, suicídio e (latente) assassinato em massa — aliás, o corriqueiro na Alemanha. E o pobre Th. já se encontrava bem no topo da lista de possíveis vítimas: "Um Estado, tiras, cassetetes policiais podem mesmo causar muito, mas não tanto quanto pessoas que até ontem à noite, às oito e meia, eram teus `companheiros e a partir das onze e meia e hoje de manhã te vêem entre aqueles que melhor estariam pendurados numa corda ou algo assim. De noite, *fundaram* algo". O que os ex-companheiros aí reencenaram foi a "autodestruição da esquerda", mesmo que (por enquanto) apenas de forma simbólica: "Os tiros na nuca eram verbais, pela liquidação de tua pessoa na percepção dos companheiros." E: o que movimentava esses novos e prestativos executores? "Deve ter sido algo como a transposição para os corpos dos pais, cuja carne assassina clamava por salvação analítica pelos filhos."

Abalada mudez... Obviamente nos encontramos no profundo interior de esquisita mística germanofílica, verdadeiro constructo teórico cheio de conceitos ideológicos trágicos, entrelaçados, rizomáticos e tumorosos que contemporâneo nenhum, em qualquer outro país menos trágico desse mundo, poderia ter concebido — expressão autêntica e produto original de *complexo narcíseo nacional* que, contudo, faz parte do cerne da identidade do 68 alemão e também influenciou profundamente a posterior "década vermelha".

ⁱ Alusão pesada: os insurgentes judeus de 68, traídos pelos próprios companheiros, que estavam em contato com o outro lado, o "romano", ou a ele haviam se vendido... Talvez os grupos comunistas tenham mesmo sido órgãos da inteligência?! Bonita história de conspiração, de qualquer forma.